

***Consolação às Tribulações de Israel* de Samuel Usque**

«Um belo dia, Abraão Usque saiu da sua reserva, pediu cerimoniosamente uma entrevista a Dona Gracia Nasi, e avisou-a de que o irmão mais novo queria entregar-lhe um presente.

Parece que ainda estou a ver Samuel Usque, moço imberbe, com a glote saltitante de emoção; segurava nos braços dois grossos livros acabados de sair das prensas, e a pluma da sua pequena gorra tremia. O primeiro não era outro senão a Bíblia de Ferrara; o segundo tinha por título *Consolação às Tribulações de Israel*¹, e o autor era o próprio Samuel Usque»².

Neste passo do romance *La Senõra*, de Catherine Clément – ou *A Senhora*, na tradução portuguesa publicada pelas Edições Asa, em 1994 –, deparamos com várias referências que nos remetem directamente para o contexto histórico-geográfico que viu nascer a obra de Samuel Usque, *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel*.

A cena descrita por Catherine Clément desenrola-se em Ferrara, no ano de 1553. Em consequência das perseguições movidas aos judeus na Península Ibérica e dos éditos de expulsão publicados em Espanha e em Portugal, tinham-se estabelecido naquela cidade italiana, entre muitas outras, duas importantes famílias de judeus portugueses: a família Usque, aqui representada pelos irmãos Abraão

¹ A edição portuguesa citada apresenta como título *Consolações das Tribulações de Israel*. Dada a sua inexactidão, tomámos a liberdade de o substituir pelo título constante da edição de Ferrara, ainda que em ortografia actualizada.

² Catherine CLÉMENT, *A Senhora*, Lisboa, Edições Asa, 1994, p. 138.

e Samuel, e a família Mendes, referida na pessoa de Dona Gracia Nasi (ou Nasci), *a Senhora*.

Abraão e Samuel Usque, embora de ascendência castelhana³, eram de nacionalidade portuguesa e crê-se que naturais de Lisboa. Segundo Mendes dos Remédios, alguns anos após a publicação do decreto de expulsão de D. Manuel I, teriam «saído de Portugal para evitar crueldades semelhantes às infligidas aos seus correligionários»⁴. Em Ferrara, Abraão Usque fizera-se editor e possuía uma oficina onde viriam a ser impressas várias obras em língua portuguesa, entre as quais a *História da Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro e a *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel*, de seu irmão Samuel.

Hannah Gracia Nasi era o nome judaico de Beatriz de Luna, nascida em Lisboa por volta de 1510, também conhecida por Beatriz Mendes, pelo seu casamento com Francisco Mendes, realizado em Lisboa, no ano de 1528. Cansada das frequentes perseguições movidas contra os judeus, em 1536, após a morte do marido, esta cristã-nova abandonou Lisboa e foi fixar-se em Antuérpia. Em 1550, depois de uma viagem bastante atribulada, chegou a Ferrara onde passou a residir, assumindo então publicamente o seu nome de origem.

Politicamente bem relacionada e senhora de uma fortuna considerável, Gracia Nasi decidiu dispor dos seus bens e da sua influência política a favor dos numerosos marranos que, saqueados e expulsos da Península Ibérica, chegavam a Ferrara desprovidos de quaisquer meios de subsistência.

Além disso, verificando que esses correligionários portugueses e espanhóis não conheciam o hebraico e, conseqüentemente, não tinham acesso aos textos bíblicos, Gracia Nasi «decidiu investir o dinheiro necessário para que se imprimisse em Ferrara uma Bíblia traduzida do hebraico para o judaico-espanhol»⁵. É a famosa *Bíblia de Ferrara* acima mencionada, impressa nas oficinas de Abraão Usque e saída a público em 1552, precisamente um ano antes da publicação da *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel*.

Não admira, pois, que Samuel Usque, num gesto de gratidão pelos numerosos benefícios que ele próprio e os judeus e marranos

³ «E dado caso que à volta ouve muitos do desterro de Castela, e os meus passados daly ajam sido (...)», in *Prólogo*, edição de Mendes dos REMÉDIOS, 1906, p. V.

⁴ Mendes dos REMÉDIOS, Prefácio à edição de 1906, p. XVI.

⁵ Catherine CLÉMENT, *A Senhora*, p. 137.

portugueses da diáspora tinham recebido e continuavam a receber desta sua nobre compatriota, tenha dedicado a *Consolaçam* «à illustrissima Senhora Dona Gracia Nasci»⁶. Aliás, já no corpo do texto, Samuel Usque comparará a «bemaventurada Nasci ysraelita» às grandes figuras femininas da tradição judaica – Miriam, Débora, Ester, Judite –, designando-a, metaforicamente, por «Esteo onde se arrimaram os cansados; Fonte de agoa clara onde beberom os sequiosos; Arvore cheo de fruto e sombrio de que comerom os famintos e onde os desemparados se abrigarom»⁷.

No que respeita à identificação dos destinatários da obra e à intencionalidade do narrador, o Prólogo é bem esclarecedor: a *Consolaçam* é expressamente dirigida «aos senhores do desterro de Portugal» e propõe-se aliviar-lhes as penas do estado presente, através do «visionamento» das sucessivas «tribulações» sofridas pelo povo hebreu⁸ e das saídas que para elas sempre foram encontradas. Confrontada assim com essa ampla visão da História de Israel, a comunidade judaica, «seguida e afugentada agora dos reinos de Portugal», facilmente poderá concluir que os seus trabalhos e fadigas actuais ficam muito aquém de várias outras situações trágicas experimentadas pelos seus antepassados, os quais, apesar de tudo, sempre lhes sobreviveram e as souberam assumir como parte integrante do seu destino, permanentemente marcado por uma profunda tensão entre o sagrado e o profano.

E para melhor ilustrar esta ideia, Samuel Usque recorre à sabedoria de Sócrates, o qual «dezia que vendose as pessoas em fadiguas cotejasem os males que atras ficavam com os presentes e facilmente lhes achariam consolaçam»⁹.

É ainda no Prólogo que Samuel Usque aborda e justifica a sua decisão de redigir a *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel* em língua

⁶ «Sendo o meu primeiro yntento servir com este piqueno ramo de fruta nova a nossa nação Portuguesa, era justo offerecelo a Vossa Excelencia como ao coração deste corpo pois nos remedios que aveis dado sentistes e ynda sentis seus trabalhos mais que algũ outro.» Samuel Usque, *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel*, Dedicatória, p. II.

⁷ III, LII-LIII. (As citações do texto da *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel* são extraídas da edição de Mendes dos Remédios, de 1906, e integram a referência ao Diálogo e às páginas).

⁸ «propus relatar as tribulações e fadiguas que a nosso povo socederam», in *Prólogo*, p. IIIv.

⁹ *Prólogo*, p. III.

portuguesa, apesar das pressões para que o fizesse em castelhano. Duas razões justificaram tal opção: primeira, o facto de o português ser a sua língua materna – «a língua que mamey»; segunda, o facto desta obra ter como primeiros e principais destinatários os seus «naturais».

Assim, escreve Samuel Usque: «Algũs señores quiserom dizer, antes que soubesem minha razam, que fora melhor aver cõposto em lingoa castelhana; mas eu creio que nisso nam errey, porque sendo o meu principal yntento falar cõ Portughezes e representando a memoria deste nosso desterro buscarlhe per muitos meos e longo rodeo algum alivio aos trabalhos que nelle passamos, desconveniente era fugir da lingua que mamey e buscar outra prestada pera falar aos meus naturais»¹⁰.

No que respeita à sua tipologia e estrutura externa, a *Conso-laçam às Tribulaçoens de Israel* apresenta-se sob a forma discursiva do Diálogo e desenvolve-se em três partes ou Diálogos sucessivos que acompanham uma linha temporal abrangente de toda a história do povo hebreu até às perseguições desencadeadas na Península Ibérica, durante a primeira parte do século XVI.

Assim, o primeiro Diálogo intitula-se «Dialogo pastoril sobre as cousas da Sagrada Escritura», e cobre o percurso dos israelitas desde as suas origens até à queda da «primeira casa», isto é, até à tomada de Jerusalém e destruição do templo de Salomão por Nabucodenosor, acompanhada do exílio dos hebreus para a Babilónia.

Segue-se o «Dialogo Segundo no qual se trata a redeficação da segunda casa e todo seu sucesso tee ser por Tito destruida», ou seja, o período que vai do regresso a Israel dos exilados da Babilónia até à total destruição de Jerusalém e consequente dispersão dos judeus, levadas a cabo por Vespasiano e Tito, por volta do ano 70 da era cristã.

Finalmente, o «Dialogo Terceiro no qual se trata desde a perda da segunda casa destroida pellos romanos, quãtas tribulaçoens padeceo Israel tee este dia», o que compreende toda a história da diáspora judaica desde o ano 70 até aos dias do próprio Samuel Usque, dolorosamente marcados pelas perseguições aos judeus portugueses.

¹⁰ *Ibid.*, p. V.

Três personagens intervêm nestes Diálogos: a primeira é Icabo (anagrama de Jacob ou Jacob) que personifica Israel, o qual, sob a roupagem e figura de um pastor, lamenta a sorte do seu povo. À guisa de apresentação, escreve o autor: «A ordem que no mais desta composição tive foy que fingindo o grande patriarcha Yahacob com nome de Ycabo e em habito de pastor como ho elle foy, chora o mal de seus filhos, filhos por sangue, filhos em ley, filhos em espirito [...]»¹¹.

As outras duas personagens, igualmente «em habito e nome de pastores», são Numeo e Zicareo, isto é, os profetas bíblicos Naum e Zacarias, «com os nomes hum pouco demudados à maneira do que os antigos escritores soem fazer, os quais sendo profetas tam excellentes como em suas palavras se mostram, alem de lhe satisfazerem muitas duvidas que Ysrael move, finalmente com razões e prophcias autenticas persuadem como os males sam passados e o bem tam desejado está cerca [...]»¹².

Embora a *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel* não possa ser global e exclusivamente classificada como uma obra bucólica, é, no entanto, possível identificar nela a presença de elementos e procedimentos que de algum modo a aproximam da novela pastoril, particularmente no que respeita à caracterização dos hábitos e funções das personagens e à descrição do ambiente campestre em que estas se movem. A este propósito, considera António José Saraiva que «parece à primeira vista estarmos simplesmente em presença de um livro de forma bucólica e de fundo religioso». E acrescenta ainda: «o pastoralismo de Usque vai talvez mais fundo do que o dos outros bucólicos portugueses, dado que a Bíblia, em que as suas alegorias se apoiam constantemente, elabora a história e as crenças de uma civilização pastoril»¹³.

A «forma bucólica» e o «pastoralismo» a que António José Saraiva aqui se refere fazem-se sentir especialmente no primeiro Diálogo. Acaso encontrado pelos pastores Numeo e Zicareo «em hum lugar afastado da conversaçam humana» a que se havia recolhido, e instado por eles a explicar as razões do seu lamento, Icabo começa por relembrar os tempos primordiais em que pacificamente pasto-

¹¹ *Ibid.*, p. IIII.

¹² *Ibid.*, pp. IIII-IIIIV.

¹³ António José SARAIVA e Óscar LOPES, *História da Literatura Portuguesa*, 9.^a ed., Porto, Porto Editora, 1976, p. 444.

reava os seus rebanhos na terra de Canã. A felicidade dessa «idade de ouro» da História de Israel é, então, metaforicamente evocada, através da descrição de uma jornada completa de pastoreio, no decurso da qual o sentimento predominante é o de uma perfeita harmonia entre os pastores, os rebanhos e a natureza envolvente.

Assim, «em rompendo a alva da manhã, antes que no oriente o sereno ceo de sanguinea cor se mächasse, [os pastores] sahyam com seu rebanho; e com vagaroso passo pisando as orvalhadas ervas, e ouvindo o doce chinar dos passarinhos, pacifica e sossegadamente o guiavã contra algum fresco e deleitoso prado, onde arribados que eram, sentandose sobela verdura dalgũ piqueno outeiro pera melhor contemplarem a manada, viam as ovelhiñas, hũas, em prado chão, as verdes e miudas ervas suavemente pascendo, outras sobindo em lugares asperos se dependuravam arroer algum novo arvoresinho que entam tenro se levantava da terra».

Decorrida assim «a fresca manhã» e aproximando-se já a hora das calmas, os mesmos pastores «se abalavão e punhã em caminho com o rebanho de suas mansas ovelhas a buscar as deleitosas sombras, onde a fresca e temperada viração os recreasse: e laa, ao cabo de hũ alegre vale, hum fermoso e muy basto arvoredos os recebia, regado e viçoso coas doces agoas dhũa fonte».

Era junto dessa fonte que os pastores se deleitavam então com as «suas viandas gostosas e naturais», às quais juntavam «o mel» que «estilava» em fios das árvores e «o branco leite» que «gotejava» das tetas das «gordas ovelhas». E, quando já completamente saciados, «sentião hum fresco aar, que com suave roido o cume dos altos alemos e dos viçosos e grandes freixos andava movendo». Acompanhava esse «suave roido» a orquestra das «palreiras melroas» e dos «namorados e musicos rusinoes» que, ao «murmurio da viva fonte», tudo «enchiam d'armonia», no que eram coadjuvados pelos pastores, «delles tangendo, huns docemente com suas frutas e vilanescos instrumentos, outros ao som contra as namoradas pastoras amorosamente cantavam».

Chegada a hora em que o sol se escondia já «de bayxo das agoas do ponente», os pastores recolhiam então «as vagabundas ovelhas que por entre aquelle arvoredos espalhadas andavam pascendo» [...] «e toda aquella alegre companhia, vagarosamente com seus cajados guiando, tornava em suas malhadas a descansar». E já sob «a claridade da lua», «depois d'agasalhado e recolhido em seus curraes o veloso rebanho, deixando os furrões e cajados, s'aparelhavã pera a desejada ceeaa ao portal de suas ramosas choupanas, fundadas à beira do claro rio Yurdam».

A este tom marcadamente bucólico e pastoril do início da narrativa, sucede, pouco a pouco, o tom típico da lamentação bíblica, que aumentará de intensidade ao longo dos Diálogos segundo e terceiro. Curiosamente, esta alteração no estilo discursivo acompanha a transição da «idade de ouro», representada pelo pastoralismo ou nomadismo dos primeiros hebreus, conduzidos pelo «cajado do summo pastor, cujos rebanhos pascem todo o universo», para uma sociedade sedentária, na qual o povo de Israel passou a ser governado por juízes e reis que, as mais das vezes, se afastaram das orientações desse «summo pastor».

A partir de então, a narrativa desenvolve-se numa permanente dialéctica entre o bem e o mal, num fluir contínuo de experiências de pecado, exílio e êxodo. Subjacente a esta dialéctica, está uma visão linear do tempo, tipicamente judaica e bem distante da noção grega do tempo circular, responsável pela filosofia do eterno retorno. Com efeito, à «idade de ouro» dos tempos primordiais, retratada na harmonia perfeita da vida pastoril, sucederá uma outra «idade de ouro» no termo da história, quando Israel reunir de novo todas as suas tribos em Jerusalém, sob o cajado do mesmo «summo pastor».

Entre essas duas «idades», o tempo é, naturalmente, de grande tensão. As perseguições e exílios que os judeus experimentam ao longo da sua história e que encontram eco e expressão nas angustiosas e, por vezes, patéticas lamentações de Icabo não passam, segundo as palavras proféticas de Numeo e Zicareo, de manifestações de uma particular predilecção divina, já que, tendo escolhido Israel para seu povo, Deus não deixa de lhe oferecer sucessivas oportunidades de remissão, garantindo-lhe assim a manutenção do estatuto e da dignidade de povo eleito.

É nesta perspectiva que se integram e ganham capacidade de leitura interpretativa todas as provações infligidas aos judeus no decurso dos tempos, longamente expostas por Icabo aos seus dois interlocutores.

Deixando por agora de lado o Diálogo segundo, correspondente a um novo dia de pastoreio, passemos ao Diálogo terceiro.

Tal como os dois anteriores, também este último Diálogo tem como pano de fundo uma paisagem bucólica. Com efeito, ainda antes do romper da alva, chegam os pastores Numeo e Zicareo, os quais, depois de explicarem que naquela madrugada se tinham

levantado mais cedo «porque os seus rafeiros sentirom lobos»¹⁴, convidam Icabo a deslocar-se com os rebanhos para «hũa varzia que aquy debaixo deste recosto jaaz, muito viçoza e abundante d'agoas, pera que deitados aly debaixo de hum verde allemo, vendo pascer as ovelhas»¹⁵, possam continuar o seu «razonamento».

Icabo retoma então o papel de narrador da história do povo hebraico, passando em revista todos os dramas ocorridos desde «aquella tempestade dos Romanos cuja força per todo o universo» o dispersou. Começando na perseguição movida por «Sisebuto, rei dos godos», refere depois as múltiplas e sucessivas molestações e exílios impostos aos judeus da diáspora, em Castela, França, Pérsia, Alemanha, Nápoles, Inglaterra, Flandres, Itália, Aragão, Navarra, Granada, etc.

Neste desfile de reinos e locais onde o povo judaico foi perseguido ou molestado, a primeira referência à nação portuguesa situa-se no reinado de D. Duarte e constitui, ainda que de forma velada, um simpático elogio a este monarca. Assim, relata Icabo, vivia por esses tempos em Castela um frade dominicano, «o mayor perseguidor e enemigo de Ysrael que se levantou há muitos tempos»¹⁶. De seu nome Frei Vicente, «amutinando hum grande numero de gente, sahio com ella tras si pelas cidades com hum crucifixo nas mãos [...] e foi correndo quasi toda Espanha, e fez a mais de quinze mil almas judaicas trocar sua fé». Depois destas andanças por terras de Espanha, o mesmo frade «acometeo passar a Portugal, onde ao presente hũa grande quantidade de meus filhos se achavam, e antes que o fizesse, mandou pidir licença. Porem Elrey Dom Duarte, que naquelle tempo possuía o ceptro, lhe respondeo que elle podia entrar, mas que primeiro lhe avia de mandar poer hũa coroa de ferro ardendo na cabeça; vendo o enemigo o mao recado que pera execuçam de sua pessima vontade em Portugal achava, voltou as costas e tornou-se»¹⁷.

O relato das perseguições em Castela assume particular eloquência quando Icabo refere o estabelecimento da Inquisição em Espanha, durante o domínio dos reis católicos, D. Fernando e D. Isabel. Através de uma impressionante construção alegórica, o autor da *Consolaçam às Tribulaçoens de Israel* não deixa qualquer

¹⁴ III, p. I.

¹⁵ III, p. Iv.

¹⁶ III, p. XXIIv.

¹⁷ III, pp. XXIIv-XXIII.

dúvida sobre a dimensão dos sentimentos de repulsa e horror que aquela instituição despertava então no seio das comunidades judaicas peninsulares.

Assim, prosseguindo a sua narrativa, conta Icabo aos seus dois companheiros:

«[...] Fizerom vir de Roma hum fero Monstro de forma tam estranha e tam espantosa catadura que soo de sua fama toda Europa treme. Seu corpo he de aspero ferro com mortifero veneno amasado, com hũa durissima concha cuberto de bastas escamas de aço fabricada; mil azas de penas negras e peçonhentas o levantam da terra e mil pees danosos e estragadores o movem; sua figura daquella do temeroso lião toma parte, e parte da terribel catadura das serpes dos desertos de Africa. A grandeza dos seus dentes aquelles dos mais poderosos elefantes arremedam, e o silvo ou voz com moor presteza que venenoso Basilisco mata. Dos olhos e boca continuas chamas e labaredas de consumidor foguo lhe saem, o pasto de que se ceva he outro com corpos humanos amasado. Precede a Aguia na ligeireza do seu voar, mas por onde passa faz com a tristonha sombra cerraçam, por mais que o Sol naquelle dia se mostre. [...] Essa tal alimaria em todo o povoado de meus filhos meteo, e com o foguo dos olhos hum grandissimo numero abrasou, semeando a terra de enfitos orfãos e viuvas; com a boca e poderosos dentes suas riquezas e ouro lhes englutio e destrinçou, com os pesados e peçonhentos pees suas famas e grandezas lhes pisou e destruyo [...]»¹⁸.

Passando de Castela a Portugal, Samuel Usque dedica às perseguições movidas aos judeus no nosso país nada menos que seis pontos ou «capítulos» do Diálogo terceiro, ocupando uma extensão de dezasseis páginas da edição organizada por Mendes dos Remédios, em 1906.

Começando por relatar a fuga dos judeus castelhanos para Portugal, o autor da *Consolaçam*, através das palavras doridas de Icabo, recorda os principais episódios que marcaram a atribulada presença do seu povo em terras lusas. De entre esses vários episódios, destacaremos os dois que Samuel Usque intitula: «Quando mandarom os mininos aos lagartos» e «a matança de Portugal».

¹⁸ III, pp. XXVI-XXVIv.

O primeiro destes acontecimentos ocorreu logo após a chegada dos judeus fugidos de Castela. Tendo el-rei D. João II mandar fazer averiguações sobre «se avia entrado mais gente no reino que aquellas seis centas casas como fora o acordo»¹⁹, verificou-se que o seu número era bastante superior. Então, e após ter recusado o pedido de resgate «pelo preço que os mais aviam entrado»²⁰, el-rei terá decidido que os filhos desses judeus considerados ilegais fossem enviados para a ilha de S. Tomé e aí abandonados à sua sorte.

Nas seguintes palavras de Icabo, a narrativa desta ocorrência adquire uma densidade trágica que nada fica a dever ao tom emotivo das Lamentações de Jeremias perante as ruínas de Jerusalém:

«Avendo-se, por minha desventura, descoberto naquelle tempo a ylha de Santomé cujos moradores eram lagartos, serpes e outras muito peçonhentas bichas, e deserta de criaturas racionaes, onde desterrava os malfeitos que à morte eram jaa obrigados per justiça, em sua companhia quis tambem que entrassem as ynocentes criaturas de todos estes judeos, cujos paes parece que ante o juizo divino eram condenados.

Chegada esta ynfelice e miseravel ora em que se avia hũa tam fera crueldade de esecutar, verieis ensanguentar os rostos com as mãos as coitadas madres que dos braços lhe tiravam seus filhos de até tres anos, depenar as barbas os honrados velhos porque lhe arrebatavam suas entranhas de ante os olhos, e as mal afortunadas criaturas levantar seus vivos gritos tee o ceo, vendose afastar tam despiadosamente de seus amados padres em ydade assy tenrra e lastimosa. Lançavamse aos pees de Elrey algũas cramando que ao menos as deixassem hir acompanhar seus filhos, e nem ynda a ysto sua piadade se ynclinava. Entre estas ouve hũa may que, considerada a horrenda e nova crueza sem mestura de algũa misericordia a seus cramores, arrebatando seu filho nos braços, da alta nao dentro no tempestuoso mar se lançou e fundio com a sua única criatura abraçada. [...] Finalmente, chegados aquelles ynocentes ao lugar deserto de Santhomé que sua sepultura avia de ser, tiraram os em terra, e aly despiadosamente deixando os, foram dos grandes lagartos de que a ylha era povoada tragados quasi todos. E o resto que no ventre daquellas bichas nam entrou, à fome e desemparo se consumiom [...]»²¹.

¹⁹ III, p. XXVIII.

²⁰ III, p. XXVIII.

²¹ III, pp. XXVIII-XXVIII.

Um outro marco da desventurada história dos judeus portugueses, abordado de forma bastante enfática por Samuel Usque, é o que ele intitula «A matança de Portugal» e que, historicamente, corresponde ao levantamento antijudaico ocorrido na baixa de Lisboa, no ano de 1506.

Após a publicação, em 1496, do decreto de expulsão, muitos judeus, colocados perante a perspectiva de um desterro forçado acompanhado pela inevitável espoliação dos seus bens, acabaram por aceitar, ainda que sem grande convicção, a única porta que lhes era deixada aberta: a conversão ao cristianismo. Surgiam assim os cristãos-novos ou marranos.

Porém, relata Icabo, apesar de convertidos, «ynda assi os nam deixavam viver quietamente [...], pregoando os preguadores nos pulpitos e dizendo os senhores em lugares publicos e os citadinos e vilãos nas praças que qual quer fome, peste ou terramoto que vinhã à terra era por não serem bons cristãos e que secretamente judaizavão»²².

Foi neste ambiente de tensão e de desconfiança mútua entre cristãos velhos e cristãos-novos que acabou por se desencadear a mais sangrenta perseguição antijudaica verificada em Portugal, a qual se saldou por um número de mortos que os diversos autores situam entre os três e os quatro mil.

Imprimindo ao discurso a emotividade de quem lamenta a perda dos seus filhos, Icabo dá conta deste acontecimento nos seguintes termos:

«[...] ouve dous frades dominicos que sahirõ pella cidade de Lixboa com crucefixos às costas amutinando o povo, e cramando viesem todos em sua companhia vingar a morte de seu deus, e com muytos perversos ociosos e gente macanica que a elles se recolherom, com lanças e espadas nuas em suas mãos, arremetendo contra o fraco e desprevido povo dos mal bautizados e novos cristãos, matarom quatro mil almas delles, roubando e usando todas aquellas crueldades que em hum sacco de hũa cidade se faz, atafalhando os homens, arremesando as criaturas às paredes e desmembrandoas, desonrrando as molheres e corrõpendo as virgens, e sobre ysso tirandolhe a vida: ouve muytas que prenhes as lançaram das janellas, sobellas pôtas das lanças que jaa embaixo as estavam esperando, e

²² III, p. XXXI.

assi atalhavam o caminho às ynocentes criaturas antes que arribassem ao mundo onde o ceo piadoso as mãdava»²³.

Pouco depois, referindo-se ao estabelecimento da Inquisição em Portugal, no reinado de D. João III, o autor da *Consolaçam* não poupará epítetos como «alimária» ou «venenosa bicha» a esse «outro semelhante monstro como o de Espanha, o qual ynda que ao presente ha poucos anos que he arribado, tem feito jaa hum estrago cruel e temeroso naquelle mal bautizado povo [...]»²⁴.

Face à violência das perseguições e à maldição que recai sobre os judeus em todos os países da Europa, Ásia e África, Icabo não pode senão lamentar-se de não ver fim para seus males, nem lhe ser concedida uma breve pausa ou permitido o repouso que nem aos animais é negado. «Natural he a totalas cousas criadas fazer mudança; senam Israel, que seu ynfelice estado jaa mais varia nem se abala. [...] Os bois cansados do arado no dia calmoso, acabando sua tarefa, soltos sem jugo, pella sombra da tarde coleando e lambendo se vem descansar a suas malhadas... Mas pera mi nã naceo tempo de repouso, antes com o jugo do cativeiro sobello meu pesçoço continuando, e com ho bocado entre a mão e a boca de memorias tristes detido, o espirito e sono sempre sobresaltado e ynquieto tenho»²⁵.

E qual Job abandonado sobre o monturo das cinzas, Icabo dirige-se então ao próprio Deus, interrogando-o sobre a razão de ser das suas misérias presentes e os motivos de um tão prolongado abandono: «Ó Señor, tee quando ha de durar o ynverno e tempestade de meus males? O jugo tam pesado em meu pesçoço? Os grilhões tam duros em meus pees, o desasseguo e sobresalto em meu espirito, as traçadoras suydades em minha alma?»²⁶.

É então que Numeo e Zicareo se dirigem a Icabo com palavras de ânimo e de «consolação» para «as tribulações de Israel». Uma após outra, são apresentadas oito «vias de consolação». Através delas, os dois profetas, sempre «em habito e nome de pastores», procuram explicar a Icabo que, tal como o ouro só atinge a sua «ultima eccelencia» através da passagem pelo fogo, assim também Israel só recuperará e conservará a dignidade de povo eleito através da purificação obtida pelo sofrimento.

²³ III, pp. XXXI-XXXIV.

²⁴ III, p. XXXII.

²⁵ III, pp. XL-XLV.

²⁶ III, p. XLI.

Três dessas vias atraem especialmente a nossa atenção.

Assim, na terceira, em resposta à pergunta de Icabo sobre se aqueles israelitas que morreram antes de terem expiado a sua «inconstância» também «terão parte no mundo por vir», Numeo consola-o com a ideia da reincarnação ou transmigração das almas, processo através do qual a esses judeus é dada uma última oportunidade de se purificarem das suas faltas: «Pera esses, afirma o profeta, outra grande misericórdia usa a magestade divina, passando aquellas almas de hūs noutros corpos tee que nelles se emendem e purguem aquella ynconstancia de que usarom»²⁷.

Na quarta via, entre os numerosos príncipes e reinos que se tornaram objecto da ira divina pelas perseguições movidas contra os israelitas, o mesmo profeta Numeo inclui D. João II, o qual, como castigo da entrega dos meninos judeus à voracidade dos lagartos da ilha de S. Tomé, viu morrer-lhe o filho e passar a mãos alheias o ceptro que lhe estava destinado. Assim, escreve o autor da *Consolaçam*:

«Elrey Dom Johã o segundo de Portugal que mandou os mininos aos lagartos, casando depois seu filho dom Affonso com a filha de Elrey dom Fernando de Castela, no melhor de seus contentamentos, correndo o noivo hũa carreira, se lhe atravessou o demonio e do cavalo abaixo o derribou, de que ao seguinte dia pereceo; e nam no tomando ynda por castigo este rey, lhe foi dada logo peçonha com que o privaram da vida e grandeza, porque avendolhe jaa seu pecado morto seus heredeiros, ficou o seu reino na mão do mayor enemigo que elle tinha»²⁸.

A sexta via de «consolação» consiste no «socorro» que os judeus expulsos de Portugal encontraram junto da sua compatriota «Nasi israelita», sobre cujas «largas e estendidas azas vierom hũa grã parte de teus filhos que da crueldade dos portugueses vem fugindo»²⁹.

Finalmente, e ainda à guisa de «consolação» para os males presentes, o mesmo profeta Numeo informa Icabo de que nem as perseguições nem as conversões forçadas de que foram vítimas os judeus portugueses constituem factos totalmente imprevistos, antes representam a realização de profecias dos tempos bíblicos. Com

²⁷ III, p. XLVIIIv.

²⁸ III, p. LI.

²⁹ III, pp. LII-LIIv.

efeito, era concretamente a Portugal – «que he dito fim da terra (e de feito o he)» – que Moisés se referia quando profetizava acerca do povo hebreu: «Lançarteha o Señor entre todolos povos do cabo da terra até o fim da terra e servirás aly outros deuses que nam conhecias tu nem teus padres, e entre aquellas gentes nam descansarás nem será dado repouso à planta de teu pee, mas aly te dará o Señor continua inquietud no coraçam, e os olhos sumidos e tristeza nalma, e estará suspensa tua vida em hum fraco fio ante ty [...]»³⁰.

E, para não deixar quaisquer dúvidas, o mesmo Numeo esclarece que, tendo sido estas «as derradeiras maldições ditas por Mosseh» e estando o povo hebreu «agora ultimamente padecendo na ynquisçam de Espanha e Portugal, que he dito fim da terra (e de feito o he), onde elle disse que se aviam de cumprir»³¹, tal não pode significar outra coisa senão que esse mesmo povo hebreu está finalmente a chegar ao termo das suas tribulações, pois não havendo para além de Portugal outra terra para onde possa passar, aqui conclui a sua longa peregrinação e terminam todos os seus males, podendo desde já começar a voltar o rosto e o coração para a sua tão antiga e desejada pátria.

Numeo e Zicareo acabam, assim, por levar a bom termo a tarefa que, no Prólogo, lhes fora cometida pelo autor: «[...] alem de satisfazerem muitas duvidas que Israel move, finalmente com razões e prophecias autenticas persuadem como os males sam passados e o bem tam desejado está cerca»³².

HORÁCIO PEIXOTO DE ARAÚJO

³⁰ III, p. LVII.

³¹ III, p. LVIIv.

³² *Prólogo*, p. IIII.